

## HOMILIA NA SANTA MISSA DE CORPO PRESENTE

D. Justino de Almeida Bueno OSB

Caríssimos familiares de Gládstone,  
Caros fiéis.

*Combati o bom combate, terminei  
minha carreira, guardei a fé.* (S. Paulo)

Acabamos de ouvir o Santo Evangelho, que nos convida a fazer uma profissão de fé na ressurreição da carne. De fato, crer em Jesus é crer na ressurreição. Nossa fé tem seu fundamento na resposta que damos à pergunta feita por Jesus a Marta: *Crês isto?* Nossa vida cristã, sua coerência e autenticidade, dependem do modo que vamos, passo a passo, dia a dia, respondendo a essa pergunta. Nossa fidelidade a Deus e à vocação que Ele nos deu no batismo nos faz crescer e amadurecer na busca de uma resposta total, radical, de plena confiança e entrega à vontade de Deus: *Sim, eu creio que meu irmão viverá.*

Essa fé – e a certeza de que foi essa a resposta de Gládstone – nos reúne aqui, em torno do seu corpo que piedosamente sepultaremos. Mais do que ninguém, ele merece ser chamado de *fiel*. Sim, ele foi fiel cristão, fiel a Deus, fiel à Igreja, fiel ao homem, fiel a si mesmo.

Fiel a Deus – Gládstone foi um homem temente a Deus, foi um homem que amou a Deus sobre todas as coisas. Isso o fez direcionar a vida para o céu, o fez viver entre as coisas que passam, colocando o coração nas coisas que não passam. Todos os seus trabalhos, suas funções, seus cargos tinham um fim último, um objetivo, uma meta: o céu. Gládstone foi um homem cheio daquela nostalgia do paraíso que ardeu no coração de tantos santos. Com a sua sede de eternidade, tudo que fazia era para agradar a Deus. Foi um homem de Deus e para Deus, um *Vir Dei*.

Fiel à Igreja – Ele amou a Igreja como a uma Mãe. A Ela serviu de muitas formas. Por Ela deixou-se formar e alimentar pela Palavra e pela Eucaristia. Na Igreja e para Ela Gládstone produziu frutos de fé de sabedoria e de amor. Sua obediência às autoridades eclesíásticas e fidelidade à doutrina tradicional da Igreja contribuíram para que ele adquirisse aquela humildade que, no dizer de nosso Pai São Bento, o monge deixa transparecer no próprio corpo. Gládstone foi um *Vir Ecclesiae*.

Fiel ao Homem – Gládstone nunca entendeu a vida do céu separada da vida na terra. – Ele percebeu que, somente à medida que amamos a vida aqui

é que podemos aspirar à vida do céu. Nas palavras do Beato Josemaria Escrivá *a felicidade do céu é para os que sabem ser felizes na terra* (Forja 1005). Gládstone foi um homem feliz, pois sua vida foi viva, foi mais vida, foi compreensão do humano naquilo que de fundamental ele tem: o amor e a dor. Tal qual Jesus, antes de morrer no corpo, ele morreu na alma, pelos outros, servindo, doando-se, colocando-se à disposição e ao serviço daqueles que precisavam ou solicitavam seu auxílio. Na sua simplicidade e retidão, Gládstone enxergou a grandeza da vida terrena, isto é, o seu objetivo: ser uma preparação para o céu. Ele foi um homem santo, um *Vir Iustus*.

Fiel a si mesmo – Gládstone foi fiel a si mesmo. Não fazendo-se o centro de tudo, não erigindo o egoísmo travestido de auto-realização, de auto-estima e outros slogans tão a gosto da superficialidade dessa nossa decadente sociedade dita moderna, mas envelhecida no pecado. Gládstone foi fiel a si mesmo, à vocação que Deus lhe deu, descobrindo na vida a vontade de Deus e cumprindo-a, a todo custo, a custo mesmo de sofrimentos e incompreensões. Se, como diz Thibon, *nada poderá florescer no céu, se não tiver, ao menos, germinado na Terra (L'échelle de Jacob, p. 121)*, podemos imaginar a abundância da colheita que será feita diante de Deus por esse *Vir Fidelis*.

Na solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria, um verdadeiro carinho de Deus para com esse filho tão devoto da Mãe do céu, celebramos essa Missa de corpo presente. Preservada do pecado, a Virgem é, para nós, um espelho de justiça, de santidade. Todos somos chamados à glória do céu, à participação na Igreja do céu, a cantar junto dela, ao redor do trono de Deus, o aleluia sem fim com os bem-aventurados. Que a intercessão materna da Virgem dê a Gládstone a graça dessa alegria sem fim.

Caros fiéis, tal foi a vida de Gládstone, tal foi sua morte. Sem alardes, silenciosa, só, como um monge, o homem indiviso, o só com o Só. Ninguém lembra, pensa em agradecer pelo seu passado ao leito ressecado de um rio. A simplicidade, a nobreza de caráter, a fé e o amor de uma vida escondida com Cristo em Deus não têm valor para os holofotes do mundo. Mas, na luz de Deus, na qual pedimos que Gládstone esteja agora, nós sabemos, como dizem as Escrituras: *os que ensinaram a muitos a justiça serão como estrelas no firmamento*.

Que, tal qual a estrela de Belém, que guiou os magos até Jesus, não nos deixando enganar pelos Herodes da vida, sigamos o exemplo dessa estrela-Gládstone, que, com sua vida de fé brilha no firmamento da Igreja Triunfante, indicando-nos o caminho para chegarmos a Jesus. Que Deus conceda a Gládstone o descanso eterno, para que ele passe o seu céu, fazendo o bem sobre a terra.

Cemitério de São João Batista, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 2001,  
solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria.